

# DEUS TE BENZE, DEUS TE CURE: O SAGRADO AFRO BRASILEIRO DAS REZADEIRAS DE ITIRUÇU - (RE)EXISTÊNCIAS DE SABERES RELIGIOSOS E ANCESTRAIS

LUCIANA DOS SANTOS BRANDÃO<sup>1</sup>

## RESUMO

Esse estudo investiga sobre a permanência do sagrado afro brasileiro das rezadeiras no território do Vale do Jiquiriçá no município de Itiruçu. Pretende-se analisar as (re) existências dos saberes religiosos e ancestrais das rezadeiras e como estas se configuram enquanto guardiãs da memória. Nesse terreno analisa as memórias coletivas e as práticas curativas e suscita questões como: Qual a relação entre as rezas e o poder de cura das folhas? Como estas mulheres itiruçuenses aprenderam a profissão das rezas? Como elas entendem esse ofício de rezar e ao mesmo tempo enfrentam intolerâncias religiosas? Como é transmitido esse legado ancestral? A pesquisa vale-se do percurso etnográfico e bibliográfico. Logo, entende-se esse estudo como uma riqueza e patrimônio cultural no território itiruçuense e que os seus desdobramentos aguçam outras investigações que ajudarão e muito no campo das ciências sociais e na própria transformação do pensamento da cultura local.

**Palavras-chave:** Rezadeiras; Saberes; Itiruçu.

## PALAVRAS INICIAIS

O estudo em pauta investiga acerca da permanência do sagrado afro brasileiro das mulheres rezadeiras do município de Itiruçu/Bahia situado no território do Vale do Jiquiriçá. Pretende-se analisar as (re) existências dos saberes religiosos e ancestrais das rezadeiras e como estas se configuram enquanto guardiãs da memória.

Nesse terreno analisa-se as memórias coletivas e as práticas curativas e, ainda suscita questões potentes: Qual a relação entre as rezas e o poder de cura das folhas? Como estas mulheres itiruçuenses aprenderam a profissão das rezas? Como elas entendem esse ofício de rezar e ao mesmo tempo, enfrentam o racismo religioso? Como é transmitido esse legado ancestral? Como os corpos negros destas mulheres se inscrevem no contexto das relações sociais, étnicas, culturais e de gênero?

Na ambiência desse estudo procura-se problematizar como as vivências, experiências e saberes das rezadeiras são vistos no cenário local e global. No

---

<sup>1</sup> Fundadora do NEABI-Núcleo de Educação Afro Brasileira e Indígena de Itiruçu/BA. Psicopedagoga Institucional e Clínica. Especialista em História e Cultura Afro Brasileira. Especialista em Educação, Cultura e Diversidade. Especialista em Docência do Ensino Superior. Especialista em Mídias na Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/UESB. Aluna Especial do Mestrado Acadêmico em Relações Étnicas e Contemporaneidade PPGREC/UESB. Aluna especial do Programa Multidisciplinar em Estudos Étnicos e Africanos/UFBA. Graduada em Letras pela UESB. E-mail: luciana.cardoso.brandao@gmail.com

corpus da pesquisa objetiva-se negritar que os corpos negros das mulheres em questão, falam por si só. Vale ressaltar que, nas dinâmicas das relações sociais existem indubitavelmente relações de poder. Esse exercício analítico impulsiona o diálogo na direção de identificar os legados e os conhecimentos plurais dessas sujeitas.

E nessa dialética cabe também refletir sobre as opressões epistêmicas, as injustiças cognitivas e os apagamentos das gnosés que as rezadeiras inevitavelmente ainda convivem numa sociedade ocidentalizada com resquícios da colonização.

A gênese desse estudo sobre mulheres que rezam, curam e aconselham justifica-se a partir das minhas memórias individuais desde a infância ao testemunhar o grande número de pessoas que procuravam a minha avó para serem rezadas. E como guardiã dessas lembranças, parece sentir ainda exalar o cheiro das folhas de alfazema. Faz-se imprescindível narrar as historicidades de rezadeiras e as suas sabedorias ancestrais que tanto corroboram para o campo científico.

Há interesse nesse estudo em compreender as experiências das rezadeiras num contexto de violência de gênero, classe e raça. É necessário escurecer que os conhecimentos populares ainda são vistos como crenças, como intuições, como categoria do que é sensível, de modo que, opera assim a lógica do racismo. Logo, tratar dessas abordagens é de significativa relevância social, histórica e cultural na tentativa de pensar a crítica central a colonialidade e possíveis intervenções pautadas na decolonialidade.

O alcance do debate crítico e reflexivo sobre as mulheres negras em diferentes tempos e espaços reinaugura reformulações sociais, antropológicas e culturais a fim de pensar como essa dinamicidade tem produzido as relações humanas. Logo, entende-se esse campo de pesquisa como uma riqueza e patrimônio cultural no território itiruçuense e em solo brasileiro e que os seus desdobramentos aguçam outras investigações que corroboram e muito no campo das ciências sociais e na decolonização do pensamento.

## **ABRINDO CAMINHOS**

O espaço delimitado para a pesquisa foi a zona urbana do município de Itiruçu. A pesquisa de viés etnográfico utiliza-se da metodologia da História Oral

tendo como sujeitas pesquisadas cinco mulheres negras que nas suas significativas falas fornecem elementos para pensar a prática da reza imbricada com o poder de fala que se intercruza com o exercício da escuta. Nessa dialética de intercruzamentos de saberes cabe aqui negritar que, a pesquisa utiliza a designação rezadeiras para tratar de mulheres de saberes religiosos ancestrais que no campo do simbólico reverberam suas religiosidades afrodiáspóricas.

Esse movimento articulador de narrativas, fontes orais, observações atentas e entrevistas revela resistências e (re) existências destas mulheres ao exercerem a profissão da reza. Nesse campo metodológico Alberti argumenta:

*Em muitos casos, a entrevista de história oral nos acena com a chance, ou ilusão, de suspendermos, um pouco que seja, a impossibilidade de assistir a um filme contínuo do passado. Quando isso acontece é porque nela encontramos a “vivacidade” do passado, a possibilidade de revivê-lo pela experiência do entrevistado. Não é à toa que a isso muitos dão o nome de história (ou memória) “viva”. (ALBERTI, 2004, p. 15).*

A força motriz desse estudo é analisar as memórias vivas de mulheres rezadeiras e as evidências dos seus pertencimentos étnicos. Sob esta premissa reside a vivacidade de suas vozes: Zulmerinda Fróes do Nascimento - Zuzu (2014) enfatiza que não pode acabar a tradição da reza. Anália Ribeiro de Souza - Dona Lau (2014) conta: Eu gosto de rezar Estrela do Céu e o Sonho de Nossa Senhora, eu me sinto feliz em fazer caridade. Do mesmo modo, por entender a importância da reza a memorável Valdelice Silva- Dona Vade (2014) historicizar: rezo há muitos anos e a minha primeira profissão foi ser parteira. Maria Novaes - Dona Maria (2014) entre palavras e silêncios revela que muitas pessoas ainda a procura para ser rezadas. A outra informante Antonia Machado Gonçalves - Dona Antonia (2014) menciona que a reza é uma profissão e que reza sem cobrar nada de ninguém.

### **ENCRUZILHADAS DE SABERES: VOZES QUE DIALOGAM**

O corpus da investigação combina e recombina vozes com os mais variados eixos argumentativos. Nesses termos, os entrelaçamentos e as encruzilhadas de saberes procuram conforme SEGATO (2021) reconstruir o fio das memórias afetadas pelas múltiplas censuras da colonialidade ao mencionar a categoria raça. A ideia de raça postulada por SEGATO é, sem dúvida, o mais eficaz instrumento de dominação social inventado nos últimos quinhentos anos. Tomar emprestado as

postulações segadianas, colocar em cena, o impacto da raça na captura hierárquica de todas as relações humanas e saberes.

Nessa dialética entre saberes e relações humanas a pesquisa procura colocar em xeque em todo o tempo como se produzem essas relações das rezadeiras de Itiruçu com a sua comunidade local, uma vez que, a nossa sociedade é ainda cercada por padrões eurocêntricos.

*O racismo é epistêmico, no sentido de que as epistemes dos povos conquistados e colonizados são discriminadas negativamente. Racismo é eurocentrismo porque discrimina saberes e produções, reduz civilizações, valores, capacidades, criações e crenças. (SEGATO, 2021, p. 66).*

A discussão sobre racismos é imprescindível nesse estudo, inclusive sobre racismo religioso praticado com as profissionais da reza, uma vez que, historicamente o processo de colonização tenta reduzir valores, saberes e conhecimentos das pessoas negras. Nesse sentido, mapear essas violências, inclusive as opressões epistêmicas e transformar essa realidade é, e deve ser enfrentamento cotidiano. Nessas interconexões de vozes negras Ângela Davis (2016) evidencia que as opressões e interseccionalidades de gênero, classe e raça afetam corpos negros.

Nesse universo propõe-se o desafio de um debate descolonizador e decolonial que possa movimentar questões acerca das etnicidades e identidades. Ao tratar da identidade é preciso tratar da diferença, e pensar que na essência da identidade de um grupo estão as marcas de suas ancestralidades. E nesse trabalho as marcas de ancestralidades são perceptíveis nas narrativas das mulheres rezadeiras. Retornando a questão da identidade, vale a pena consagrar as corroborações de HALL:

*O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. [...] O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. (HALL, 2006, p. 12)*

A questão da identidade é pauta constante e necessária que abarca revoluções não só epistêmicas, mas outras e novas ressignificações acerca da identidade em andamento.

Comungando com Hall, cabe refletir acerca das considerações de

CONCEIÇÃO (2015) se os sujeitos experimentam e compartilham marcas de práticas culturais que se movimentam, como podem apresentar identidades estáticas? Logo, cabe considerar as implicações das experiências coletivas na formação das identidades individuais. Nesse sentido a identidade é alterativa, é uma resposta política a um contexto político.

### LUGAR DE FALA: DEUS TE BENZE, DEUS TE CURE

As rezas nas perspectivas das culturas afro brasileira e africana valem-se da palavra falada. A oralidade tem o poder de imortalizar ensinamentos. Nesse sentido, importa destacar o rico arsenal de linguagens utilizadas pelas rezadeiras em seu ofício. A saber, a reza de ventre caído, o mal olhado, espinhela caída dentre outras. Nesse cenário ritualístico a rezadeira Dona Lau, natural de Jaguaquara, com 89 anos no universo de palavras mágicas expressa o seu ofício:

*Olhado/quebrante/com dois te botaram/com três eu te tiro/  
Se botaram foi no teu comer/Foi no teu vestir/Foi no teu calçar/  
Levo para as ondas do mar sagrado/Onde galo não canta/  
Nem padre celebra missa/  
Nem filho de homem chora/Com o poder de Deus e da virgem  
Maria/  
Eu te rezo de olhado/Te rezo de mufina /Te rezo de usura/  
Com dois te botaram/com três eu te tiro/  
Com o poder de Deus e da virgem Maria/E do divino espírito Santo  
(Reza de Dona Lau em 24 de outubro de 2021)*

Dotada de conhecimentos etnobotânicos receitava ervas ao término das suas rezas. As rezas de Dona Lau sempre conhecida por toda a comunidade que a procurava e tinha muita fé. Mulheres, homens, crianças faziam parte do cotidiano das rezas da amada Dona Lau que as/os acolhia na sua casa na Rua Jovino Gomes nas quartas, sextas e sábados porque na segunda ela relata que não rezava.

Essa guerreira da natureza, conhecedora das ervas e que sabia inclusive quais serviam para a prática da reza sempre esteve próxima as plantas medicinais quando lavadeira de roupa nas subidas da Fonte do Beija flor, quando apanhadeira de café, em suma, desde a sua infância já carregava consigo o saber das rezas segundo ela mesma narra.

Entre folhas e curas relata o aprendizado do ofício enquanto um dom divino ao afirmar que: **'Ninguém nunca me ensinou a rezar. É um dom de Deus'**.

Ao recorrer às suas memórias individuais Zuzu conta que sua bisavó foi pegada a dente de cachorro no mato e que a mesma também rezava. Zuzu ainda explica que reza com folhas, que usa sete folhas e usa três para reza de olhado. Sobre quais dias reza ela argumenta que no dia de segunda feira ela não reza que é o dia das almas. Ao ser perguntada como aprendeu a profissão da reza a mesma descreve:

*Eu comecei rezar pelo sonho. Eu tive um sonho que eu tava rezando uma pessoa e vento que passou. Ai eu falei assim: Meu Deus, eu rezar, se eu nunca aprendi rezar. Ai depois com três dias apareceu um rapaz de Planaltino pra mim rezar que o vento passou ele tava procurando uma rezadeira. Pegou entrou e eu rezei. Falei que com ele que ser três dias para poder rezar. Ele perguntou quanto era eu falei com ele que não cobrava. Ai ele vei os três dias eu rezei, me agradeceu. (Entrevista de Zuzu)*

As trocas de ensinamentos do ofício conforme as narrativas Zuzuniana devem ser passadas de geração a geração. A potente Zuzu afirma veementemente: **“A gente tem que ensinar o que a gente sabe”**. Na égide desse discurso ela traz informações que conflitam com o pensamento colonial, ao falar que comprou um livro intitulado “Abrindo a porta do Céu para as rezadeiras”, e que esse livro chegou pelo correio numa época que a leitura feita por mulheres era bem escassa. É crucial problematizar como essa mulher rezadeira, fazedora de acarajé, nascida num espaço rural (fazenda várzea de onde veio os seus aprendizados das ervas) lida com esses conflitos na dinâmica das relações sociais e de gênero? Essa e tantas outras indagações suscitam múltiplas investigações em diferentes tempos.

E ainda sobre essa força, enfrentamento e resistência de Zuzu (como assim prefere ser chamada) ela tensiona o debate: Não rezo de boca fechada, rezo pra todo mundo saber que to rezando sabe. Cuma é eu dedico minha profissão posso dizer que sou profissional da reza.



**Figura 1-** A) A rezadeira Anália Ribeiro de Souza (Dona Lau) e B) a rezadeira Zulmerinda Fróes do Nascimento (Zuzu).

E as histórias de vidas enriquecem a pesquisa no campo das afrobrasilidades. Dona Vade uma grandiosa mulher rezadeira que deixou o seu legado no plano terrestre e que ajudava a tantas pessoas que subiam a ladeira da Rua do Cruzeiro em busca dos seus conselhos e das suas rezas. No diálogo com essa mulher à frente do seu tempo, quantas sabedorias ancestrais ela revelou sobre o poder das rezas. Contou no aconchego dos fundos da sua casa que rezava por amor e que muitas pessoas a procurava tanto pessoas da sua comunidade como de outros lugares.

Com tamanha descontração e alegria apresentou o seu espaço sagrado, o seu altar dos santos e santas, explicou sobre cada um, cada uma, falou de Santa Bárbara, de Nossa Senhora (sempre salientava sobre as suas idas a igreja Matriz de Santo Antonio, padroeiro da cidade. Mostrou e explicou sobre os orixás com grande sabedoria. Nessa teia explicativa ressalta também que, médicos iam em busca da cura pela reza. Nas falas de Dona Vade são tantos elementos carregados de simbolismos que permitem reafirmar o legado histórico de mulheres rezadeiras. Nesse contexto do simbólico ela faz referência ao tempo como o Senhor de todas as coisas ao rezar: *“O sol e a lua e o astro e o tempo aqui vou entregar esse infrui qui ta e mi bizenzi. O sol, astros e a lua, toma tempo”*. (bate palma três vezes ao falar: toma tempo).



**Figura 2** - A rezadeira Valdelice da Silva (Dona Vade) *in memoriam*.

Antonia Machado Gonçalves - Dona Antonia, nascida em Planaltino, moradora da Rua Jovino Gomes, outra eloqüente voz feminina que nas suas rezas transmite sabedoria alinhada à simplicidade que lhe é peculiar. Uma das rezadeiras entrevistadas que assim como todas as outras faz referência a reza alinhada ao tempo. “**É bom rezar antes do sol se pôr**”, comenta Dona Antonia. Na pesquisa é perceptível que as narrativas de Dona Antonia estão guardadas na sua memória e que algumas delas estão no plano do secreto e no campo dos não ditos.

Quantas mulheres, quantos corpos negros reafirmam suas identidades étnicas e culturais nesse território que abarca as dimensões do vivido. E sobre essas vivências, religiosidades e racismos religiosos as argumentações de Dona Maria são pontuais ao citar que: **rezo quem me procurar**, mas devido a distância da sua casa algumas tem deixado de ir como iam antigamente.

A análise em questão, a partir das falas de Dona Maria, natural de Maracás é de uma quietude reveladora de significados. Assim, escurece que as memórias são revisitadas, que as subjetividades são questões fundantes para pensar etnicidades e decolonialidades.



**Figura 3** – A) a rezadeira Antonia Machado Gonçalves (Dona Antonia) e B) a rezadeira Maria Novaes (Dona Maria).



## CONCLUSÃO INCONCLUSIVA

A presente pesquisa está longe de ter dado conta de todas as possibilidades temáticas que circundam o universo de pluralidade de existências das rezadeiras. Ao tratarmos das identidades étnicas, da categoria mulher e tantas outras é evidente que esse estudo e outros já realizados deixam algumas lacunas investigativas.

## REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Ouvir contar: Textos em História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004
- CONCEIÇÃO, Alaíze dos Santos. **“O Santo é Quem nos vale rapaz! Quem quiser Acreditar, Acredita!” Práticas Religiosas e Culturais nas Benzeções**. Curitiba: Prismas, 2015.
- DAVIS, Ângela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- FIGUEIREDO, Ângela. **Epistemologia insubmissa feminista negra decolonial**. Tempo & Argumento. Florianópolis, v. 12, n. 29, e 0102, jan./abr. 2020.
- HALL, Stuart. **A identidade Cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP& A. 2006.
- SEGATO, Rita. **Crítica da colonialidade em oito ensaios: e uma antropologia por demanda**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.